
QUANDO O AFETO É CIÊNCIA: NARRATIVAS DE MULHERES DO NORTE URBANO E DO QUILOMBO

CUANDO EL AFECTO ES CIENCIA: NARRATIVAS DE MUJERES DEL NORTE URBANO Y DEL QUILOMBO

WHEN AFFECTION IS SCIENCE: NARRATIVES OF WOMEN FROM THE URBAN NORTH AND THE QUILOMBO

Amanda Soares Dantas¹

<https://orcid.org/0000-0002-8677-2487>

<http://lattes.cnpq.br/6160345498552345>

Leiliane da Conceição Silva Barbosa²

<https://orcid.org/0009-0005-9226-9115>

<http://lattes.cnpq.br/8845586131590944>

RESUMO: O artigo discute a potência da escrevivência como gesto epistemológico e político na produção de conhecimento, a partir das narrativas de duas pesquisadoras amazônidas com trajetórias e marcadores sociais distintos: uma mulher branca, oriunda da metrópole paraense, e uma mulher preta e quilombola. O texto se estrutura em relatos de experiência que tensionam os limites da escrita acadêmica tradicional, frequentemente marcada por exigências de neutralidade e distanciamento, e que, por isso, tendem a silenciar corpo e afeto como dimensões constitutivas da pesquisa. A primeira escrevivência aborda o deslocamento de uma pesquisadora do Norte ao Sudeste, destacando os efeitos da colonialidade e do eurocentrismo na produção científica, bem como a literatura como espaço de reinscrição do corpo e da experiência afetada. A segunda escrevivência narra os desafios enfrentados por uma pesquisadora quilombola no acesso e permanência na educação, evidenciando como racismo, exploração doméstica e desigualdades estruturais impactam sua trajetória acadêmica e social. Ambas as narrativas revelam que as trajetórias individuais se tornam coletivas quando inscritas a partir de memórias, ancestralidade e compromisso com as comunidades de origem. Conclui-se que o afeto, longe de representar ruído para a ciência, pode constituir fundamento ético e político de uma produção acadêmica situada, capaz de tensionar práticas racistas, machistas e coloniais que ainda moldam a universidade. Assim, as escrevivências apresentadas afirmam a necessidade de uma ciência implicada, enraizada nos territórios e experiências de quem escreve, produzindo conhecimento comprometido com a transformação social.

¹ Psicóloga pela Universidade Federal do Pará, mestre em psicologia pela Universidade Federal de São Carlos (PPGP/UFSCar) e doutoranda pela Universidade Federal da Bahia (PPGNEIM/UFBA). E-mail: apsiamanda@gmail.com.

² Mulher quilombola da Comunidade de Mangueiras, Salvaterra-PA. Discente do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social (PPGSS/UFPA). Assistente social graduada em Serviço Social pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: barbosaleiliane772@gmail.com.

Palavras-chave: escrevivência; afeto; pesquisadoras amazônidas; mulher quilombola; ciência situada.

ABSTRACT: This article discusses the potential of *escrevivência* as an epistemological and political gesture in knowledge production, based on the narratives of two Amazonian women researchers with distinct trajectories and social markers: a white woman from the metropolitan area of Pará and a Black quilombola woman. The text is structured around experience-based accounts that challenge the limits of traditional academic writing, often marked by requirements of neutrality and detachment, which tend to silence the body and affect as constitutive dimensions of research. The first *escrevivência* addresses the displacement of a researcher from the North to the Southeast of Brazil, highlighting the effects of coloniality and Eurocentrism on scientific production, as well as literature as a space for reinscribing the body and the affected experience. The second *escrevivência* narrates the challenges faced by a quilombola researcher in accessing and remaining in education, demonstrating how racism, domestic exploitation, and structural inequalities shape her academic and social trajectory. Both narratives reveal that individual trajectories become collective when inscribed through memories, ancestry, and commitment to their communities of origin. The article concludes that affect, far from being considered noise in science, can serve as an ethical and political foundation for situated academic production, capable of challenging racist, sexist, and colonial practices that still shape universities. Thus, the *escrevivências* presented affirm the need for an implicated science, rooted in the territories and experiences of those who write, producing knowledge committed to social transformation.

Keywords: *escrevivência*; affect; Amazonian women; quilombo; situated science.

1. INTRODUÇÃO

A escrita pode ser um gesto de elaboração, resistência e invenção de si. Quando atravessa o corpo e a experiência de quem escreve, ela se torna, como propõe Conceição Evaristo (2020), uma *escrevivência*, um modo de inscrever na palavra as marcas da vida, de dores e potencialidades individuais e coletivas. A *escrevivência*, mais do que um estilo literário, constitui um gesto epistemológico e político que desloca a ideia de neutralidade científica e afirma o lugar situado na produção de conhecimento. Donna Haraway (1995) já advertia que todo saber nasce de uma perspectiva parcial, encarnada, implicada, e que é justamente nessa parcialidade que reside a possibilidade de uma ciência mais ética e responsável. É nessa perspectiva com base feminista que este trabalho está localizado.

Partindo desse entendimento, este artigo discute como o afeto, longe de representar um ruído para a ciência, pode constituir um fundamento epistemológico e ético na produção

acadêmica. Propomos refletir sobre a escrevivência como caminho de conhecimento e sobre como ela evidencia as diferenças internas entre mulheres amazônidas — diferenças atravessadas por raça, classe e território. Longe de uma Amazônia homogênea, as experiências de pesquisadoras do Norte são múltiplas e revelam tensões entre o urbano e o quilombola, entre a branquitude e a negritude, entre os modos de habitar a universidade e de resistir a ela.

Este texto nasceu no âmbito da disciplina *Escrevivência e letramento acadêmico contracolonial*, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará (UFPA). A proposta da disciplina era pensar a escrita acadêmica como prática situada, incorporando a dimensão política do corpo, da emoção e da memória. Ao longo de quatro encontros e conversas, nós — duas pesquisadoras amazônidas — trocamos narrativas sobre nossos percursos de vida e formação. Dessas conversas emergiram as escrevivências que compõem este artigo.

Por reconhecermos a potência da pluralidade, optamos por alternar o uso do “nós” e do “eu”. Há, portanto, uma parte coletiva, em que falamos juntas sobre o que nos aproxima como mulheres do Norte, e há partes individuais, em que cada autora escreve a partir de si — suas vivências, seus afetos e seus atravessamentos. A primeira escrevivência é de uma pesquisadora branca, urbana e de classe média da metrópole paraense; a segunda, de uma pesquisadora preta e quilombola. Ambas tensionam, a seu modo, as fronteiras da escrita acadêmica e afirmam o direito de escrever desde onde se está.

Assim, mais do que relatar trajetórias, buscamos evidenciar como o gesto de narrar e teorizar desde nossos corpos e territórios é, também, um modo de fazer ciência, produzindo conhecimento comprometido com a transformação social e com a valorização dos saberes locais.

O objetivo desse artigo foi evidenciar, por meio da escrevivência, as diferentes experiências e posicionamentos de duas pesquisadoras amazônidas, considerando os marcadores de raça, classe e território como dimensões constitutivas da produção de conhecimento e dessa forma, contribuir para o debate sobre uma ciência situada, feminista e decolonial, que reconhece o corpo, a memória e o território como fontes legítimas de saber.

1.1 METODOLOGIA

Este artigo se fundamenta na escrevivência como gesto metodológico e epistemológico. Inspiradas por Conceição Evaristo (2020), compreendemos a escrevivência como uma forma de pensar e produzir conhecimento a partir da experiência vivida — um método que nasce do corpo, da memória e da implicação política de quem escreve. Trata-se de uma abordagem que se aproxima de uma lente feminista e decolonial, pois inscreve o “eu” como parte legítima da pesquisa e rompe com a separação entre sujeito e objeto do conhecimento.

O texto emerge de um processo coletivo de escuta e escrita, desenvolvido na disciplina *Escrevivência e letramento acadêmico contracolonial* (PPGSA/UFPA). Nesse contexto, foram realizadas quatro conversas entre as autoras, nas quais compartilhamos trajetórias, afetos e atravessamentos em torno da experiência de ser pesquisadora amazônida. As conversas foram registradas e serviram como base para a elaboração das narrativas individuais, que posteriormente foram tecidas em diálogo com autoras como Conceição Evaristo, Donna Haraway e Grada Kilomba.

Optamos por não seguir um modelo rígido de análise, mas por valorizar o sentido emergente da escrita, entendendo-a como processo de autoconhecimento e produção de saber. A alternância entre “nós” e “eu” é, também, uma escolha metodológica: expressa a tensão entre o coletivo e o singular, entre o compartilhado e o situado, que estrutura toda a proposta do artigo.

Dessa forma, a metodologia aqui adotada não se limita à descrição de experiências, mas as compreende como atos de resistência e conhecimento, capazes de deslocar os paradigmas científicos hegemônicos e afirmar a legitimidade da escrita afetada, corporificada e enraizada nos territórios da Amazônia.

2. O afeto é um ruído na ciência? Escrevivência de uma pesquisadora do Norte no Sudeste

Decidi fazer o mestrado em São Paulo, na Universidade Federal de São Carlos. Saí de Belém do Pará, onde me formei em Psicologia pela Universidade Federal do Pará, e fui

movida pelo desejo de seguir a carreira de pesquisadora. Sempre gostei da pesquisa e da clínica psicológica, encontrava na interface desses dois lugares a possibilidade de transformações sociais. Ir a congressos, apresentar trabalhos, construir conhecimento — isso tudo me empolgava, me fazia sentir que havia potência na minha presença nesses espaços, na troca de saberes que ali vivia.

Eu imaginava que o mestrado seria exatamente isso: uma realização. Uma travessia bonita, romantizada talvez, mas potente. O que encontrei foi diferente. Em algum momento, comecei a me sentir distanciada da minha própria pesquisa. Era como se eu estivesse escrevendo sobre algo que me atravessava profundamente, mas sem poder me mostrar ali. A linguagem era neutra, fria, típica do que se espera da escrita acadêmica — e eu não me reconhecia nela. Minha orientadora, por quem tinha muita admiração, me chamava atenção depois de me ver procrastinar tanto, “*você escreve bem, então escreva, você consegue*”, ela sempre me falava. Embora recebesse apoio incondicional dela e do meu grupo de pesquisa, essas angústias eram de ordem estruturais, vindas de algo maior.

Minha pesquisa era sobre mulheres que passaram por situações de violência em seus relacionamentos íntimos. Eu escutava essas mulheres, acompanhava suas dores, suas histórias, e era profundamente afetada. Escolhi pesquisar esse tema porque via desde sempre a naturalização do absurdo: humilhações, violências sutis e nada sutis. Cresci sendo mulher e rodeada de outras mulheres, tias, primas e amigas. Tinha raiva de ver tantos roteiros repetidos: amar, sofrer, perdoar, se doar inteiramente para a família e ao marido. Mas no meu texto final da dissertação, esse afeto não cabia. Ele não era mencionado, não era bem-vindo. Eu estava sendo atravessada, mas não podia me implicar. Eu era uma mulher escutando outras mulheres e sendo afetada por elas — e nada disso parecia ter lugar na “ciência”.

Existe uma lógica nesse formato neutro e diretivo de fazer ciência que apaga nossas histórias e nos distancia do que realmente parece ser significativo. Foi o que aconteceu comigo dia após dia durante aqueles anos.

Essa cisão entre o que eu vivia e o que eu podia escrever me paralisou. A dissertação andava devagar, com peso. Eu escrevia sem corpo. E, num desses momentos de travamento, vi um chamado de uma editora paraense para publicação de um livro de contos e poesias de autoras do Pará. Sem pensar muito, escrevi um conto. Em poucas horas, ele estava pronto. Era

sobre uma mulher paraense vivendo em São Paulo. A história era atravessada por mim — por minha solidão, minhas dores e minha resistência.

Esse conto foi aceito e publicado. E ali eu me vi inteira. Enquanto na dissertação eu não cabia, naquele conto eu existia, eu sentia, escrevia com afeto, com saudade, com raiva, com beleza. Era como se, naquele gesto de escrita, eu tivesse me reencontrado. Nomeio aquele gesto como uma escrevivência, como nos ensina Conceição Evaristo.

Escrever agora sobre aquela experiência é também um ato de ressignificação. Quero refazer aquele percurso, me reinscrever nele, e dizer que sim — eu fui atravessada, fui humana, uma mulher do Norte tentando caber numa forma que não foi feita para mim. Mas, mesmo assim, eu escrevi. E continuo escrevendo.

Lembro de um dia, durante a escrita da dissertação, em que a resistência do chuveiro queimou. Eu olhava pra peça queimada em cima da mesa e pensava: *“Olha, tu sabes muito bem que fazer um paralelo entre a resistência do chuveiro que quebrou e a tua existência enquanto mulher paraense pode ficar forçado, não sabes?”* (Dantas, 2021).

Mas não ficou. Porque era assim mesmo que eu me sentia: tentando resistir num lugar ou um molde de construção de conhecimento que desconsiderava o corpo na pesquisa. E foi assim que nasceu o conto Entre o banho de chuveiro e o de igarapé, escrito quase como um desabafo, uma resposta, uma sobrevida de uma resistência.

Ser mulher paraense está o tempo inteiro em mim, dentro das palavras e formações de ideias, que começam a fazer sentido sem voz e depois são postas para fora em tons e sotaques com érreres e ésses muito diferentes dos da banda de cá.

Na dissertação, esse corpo afetado não tinha lugar. Mas na literatura ele transbordava. A escrita acadêmica me pedia rigor, neutralidade, distanciamento. Já a escrita do conto me pedia verdade, presença, desejo. Minha escrita científica estava me exigindo que eu abrisse mão de mim mesma para ser lida como “objetiva”.

Tem dois meses que tomo um banho de igarapé de chuveiro no inverno sudestino, mas acho que nem é essa exatamente a minha força. A minha força, a Ana sabe muito bem qual é. E, égua, que força tranquila é essa de saber que a tua origem é uma guardiã potente (Dantas, 2021, p. 64).

Essa travessia não foi só geográfica. Foi uma travessia de linguagem, de afeto e de pertencimento. Um Norte resistia em mim. Ele estava no meu corpo, no meu sotaque, nas minhas dificuldades com o frio, na paciência em repetir “o Pará fica no Norte do Brasil, não

no Nordeste” e também no modo como eu queria fazer ciência: implicada, comprometida, viva. Quando volto à minha dissertação, sinto que faltou ela me receber por inteiro, inclusive como pesquisadora. Mas ao escrever este texto, posso me inscrever nela com tudo que fui: uma pesquisadora que tem um corpo e que vive em uma sociedade que naturaliza a violência contra meninas e mulheres todos os dias.

Escrever esse conto foi mais do que publicar em um livro. Foi me autorizar a escrever de um lugar que antes me parecia ilegítimo. Um lugar afetado, marcado pelo sotaque, pelas dúvidas, pelas memórias de um corpo que aprendeu a tomar banho gelado, que sentia saudade do verão como quem sente falta da própria pele. Escrever aquele conto me fez lembrar por que escrevo: porque escrever me devolve para mim.

Foi então que entendi o que Conceição Evaristo quer dizer com escrevivência. Não se trata apenas de escrever sobre si — mas de escrever desde si, com tudo o que nos atravessa: raça, gênero, território, classe, afetos. A escrevivência se faz quando a palavra carrega a experiência viva de quem escreve, quando o texto deixa de ser um exercício de distanciamento e vira um gesto de presença, que nos aproxima mais do que gostaríamos de admitir dos nossos “objetos” ou “sujeitos” de pesquisa.

Bora lá, quem é do Norte é forte. A voz da Ana Maria, a voz da mulher paraense na minha cabeça, disse quando as tentativas de trocar a resistência falharam (Dantas, 2021, p. 64).

E não era essa força que me faltava na escrita da dissertação — era justamente essa que eu tentava proteger, mesmo que em silêncio. Mas ao invés de ser acolhida, ela foi silenciada por um modo de fazer ciência que considera a neutralidade como virtude e o afeto como ruído. Ser publicada naquele livro com outras autoras paraenses foi uma reparação. Foi dizer para mim mesma: olha, tu pode ser lida sem ter que se apagar. Foi me ver escrita ali com outras mulheres que, como eu, escrevem desde suas águas, suas dores e suas resistências. Aquilo foi, sem dúvida, mais científico do que qualquer frase que escrevi tentando me esconder.

Ao olhar para trás, vejo que aquela escrita travada da dissertação e aquele conto que nasceu fácil fazem parte do mesmo processo. Um processo de me descobrir escritora, pesquisadora e mulher amazônida ao mesmo tempo. De entender que eu não sou menos acadêmica por escrever desde mim quando estou interessada em pesquisar um fenômeno

social como a violência contra a mulher, pelo contrário: talvez minha maior força seja justamente a de não separar a cabeça do corpo, nem a teoria da vida.

3. Os desafios enfrentados na busca dos estudos: narrativas de uma mulher preta quilombola que viu na educação a transformação de vida

Início saudando a minha ancestralidade e aos meus orixás!

Eu sou a Leiliane da Conceição Silva Barbosa, mulher preta quilombola, nascida e criada na Comunidade Quilombola de Mangueiras/Salvaterra/Marajó/Pará/Amazônia-BR.

Desde cedo, enfrentei diversos desafios para buscar uma educação de qualidade. Quando tinha 14 anos, em 2002, me mudei para Macapá-AP, para morar com um primo e sua família, com o objetivo de estudar e ter uma oportunidade melhor, eu era uma adolescente e estava na sétima série do ensino fundamental. No entanto, a realidade foi bem diferente do que esperava: me exploraram, fui obrigada a deixar os estudos em segundo plano. Sofri muito, tanto com o trabalho, quanto com o racismo na rua onde morava. Tinha uns rapazes que ficavam na esquina da rua, me apelidavam de “macaca”, “saci,” cantavam músicas preconceituosas, todas as vezes que eu passava era essa perturbação, eu respondia algumas vezes ou então fingia que não estava escutando, mudava até meu trajeto, quando percebia que estavam no local, tudo isso dificultava ainda mais minha trajetória. Mesmo assim, consegui vim passar minhas férias com minha família e retornei para terminar o semestre (penso que fui boba, poderia ter ficado) mas, no ano seguinte, não consegui mais ficar naquele lugar, longe de casa, a saudade da família era imensa, que me fazia chorar quase todos os dias, e isso foi mais uns dos motivos que me fizeram voltar o quanto antes. Quando retorno a minha comunidade, continuei meus estudos na 8º série, como não oferecia ensino médio na época, precisei novamente tomar uma decisão tão difícil, que foi sair do quilombo para estudar em Belém.

Na capital, fui morar com uma tia, que foi uma experiência de grande aprendizado, mas também de muitos desafios. Ela me ajudava em algumas coisas que não era muito, o básico do básico. Diante disso, eu tinha que fazer tudo na casa, muitas vezes deixando minhas próprias coisas para depois, sempre priorizando as tarefas domésticas. Minha tia queria mais é me tratar como empregada doméstica, mas eu não permitia, fui rebarbada algumas vezes,

buscava manter minha dignidade e minha autonomia. Porém, essa convivência foi importante para o meu crescimento, pois aprendi a me defender e a lutar pelos meus objetivos.

Nesse contexto, eu não trabalhava, o que tornava-se muito mais difícil manter o foco nos estudos, pois dependia totalmente do apoio financeiro da minha mãe e do meu pai, que infelizmente não tinham condições de me ajudar aqui na cidade, e não ter dinheiro para custear algumas coisas básicas me deixava muito triste.

Além do racismo na infância, enfrentei preconceitos e discriminação ao longo do caminho, mas esses obstáculos só fortaleceram minha determinação de lutar por um futuro melhor. Enfrentei cada adversidade com coragem e esperança, sempre acreditando que a educação era a chave para superar qualquer barreira.

Sobre esse ponto, menciono as memórias de Grada Kilomba (2020), para mostrar de onde eu escrevo e a importância de apresentar este aspecto no artigo:

Eu, como mulher negra, escrevo com palavras que descrevem minha realidade, não com palavras que descrevam a realidade de um erudito branco, pois escrevemos de lugares diferentes. [...] Este é também o lugar de onde estou teorizando, pois coloco meu discurso dentro da minha própria realidade (Kilomba, 2020, p. 58-59).

Dessa maneira, minha trajetória demonstra minha persistência e o compromisso com meus sonhos, que me impulsionaram a conquistar uma formação em Serviço Social. Sou Assistente Social, com muito orgulho e, atualmente estou cursando o mestrado acadêmico na Universidade Federal do Pará, que representa uma grande conquista após tantos desafios.

Contudo, ressalto que minha história é uma prova de que, com perseverança, esperança e resistência, é possível superar dificuldades, inclusive enfrentar o racismo que nos impõe silenciamento enquanto mulher negra quilombola, nunca foi fácil e ainda não está sendo diante das diversas situações que enfrentei e enfrento, mas que me fortaleceram para que eu pudesse ocupar espaços que também são meus, e assim, alcançar os meus objetivos. Para essa afirmação, nas palavras de Antônio Bispo:

Essas são memórias recorrentes, para as quais eu volto sempre que encontro um obstáculo na minha caminhada. É onde me reanimo e é de onde sou novamente remetido, agora com uma força maior, que ultrapassa os obstáculos e dá continuidade ao percurso (Santos, 2023, p. 1).

Portanto, sigo motivada a continuar contribuindo para a minha comunidade, porque onde me encontro hoje, não é só uma conquista individual, e sim, dos meus ancestrais que

lutaram no passado para que eu estivesse aqui ocupando esses espaços. Além disso, inspirando outras pessoas a nunca desistirem de seus sonhos, objetivos, independentemente das adversidades enfrentadas.

4. DISCUSSÃO

Nossas escrevivências emergem de lugares distintos, mas convergentes na recusa ao silenciamento e na afirmação do corpo como território de saber. Ainda que nossas experiências sociais e raciais sejam diferentes, nos encontramos na insistência em escrever a partir de nós — e não apenas sobre nós —, em fazer da escrita um gesto de reinscrição na história. Como propõe Conceição Evaristo (2020), a escrevivência é uma “escrita de corpo inteiro”, em que o pensamento nasce das memórias e das feridas, das travessias e dos afetos.

Na primeira escrevivência, o deslocamento geográfico do Norte ao Sudeste simboliza também um deslocamento epistemológico: da neutralidade exigida pela ciência à necessidade de afirmar o afeto como forma de conhecimento. Ao narrar a dificuldade de caber na linguagem acadêmica, evidenciamos como a universidade ainda reproduz um modelo eurocentrado e masculinizado de produção científica, no qual o corpo e a emoção são vistos como ameaças à objetividade. Esse movimento de exclusão ecoa o que Donna Haraway (1995) denuncia como “a visão de lugar nenhum”: uma epistemologia que pretende universalizar o olhar e apaga as condições concretas de quem produz o saber.

Ao nos reconhecermos afetadas pela pesquisa com mulheres que vivenciaram a violência, reivindicamos uma ciência implicada, que não tema a presença e a emoção. É nesse gesto que o afeto deixa de ser ruído e se torna fundamento epistemológico. O “banho de igarapé de chuveiro”, metáfora que atravessa uma das narrativas, revela a tensão entre a adaptação e a resistência, entre o corpo amazônida e o ambiente acadêmico sudestino. Esse corpo, deslocado mas insistente, encarna o que Haraway chama de saberes localizados — uma perspectiva parcial que reconhece os limites e a potência de ver a partir de um território, de uma história e de uma condição específica.

Na segunda escrevivência, a trajetória de uma mulher preta e quilombola explicita outras dimensões da desigualdade na formação acadêmica. Nela, o corpo não é apenas afetado, mas marcado pelo racismo, pela pobreza e pela exclusão histórica. Ao afirmar que

sua escrita não pode ser a mesma de um “erudito branco”, reafirmamos, com Grada Kilomba (2020), que o discurso branco se pretende universal, enquanto o discurso negro precisa constantemente se justificar para existir. Ao narrar o percurso de vida, reinscrevemos a presença na universidade como um ato político de reexistência, revelando que a educação, em nosso caso, não é apenas conquista individual, mas herança coletiva e ancestral.

As diferenças de nossas experiências mostram que a condição de ser mulher amazônida não é homogênea: há gradações de privilégio e vulnerabilidade que atravessam o gênero. Como lembra Ochy Curiel (2019), o feminismo decolonial precisa reconhecer as hierarquias internas ao próprio feminismo, entendendo que a colonialidade opera também nas relações entre mulheres. A escrevivência, nesse sentido, se apresenta como um campo fértil para a escuta dessas diferenças, pois nos permite escrever a partir de nossas encruzilhadas entre classe, raça e território.

Se, por um lado, enfrentamos o desafio de encontrar espaço para o corpo e o afeto na produção científica, por outro, o desafio foi sobreviver, resistir e ocupar o espaço da universidade. Ambas as experiências, contudo, reivindicam o direito de escrever desde nossas águas e de reconhecer o valor político do sentimento. A escrevivência, como gesto metodológico, nos permite a coexistência dessas perspectivas sem hierarquizá-las: uma escrita que não busca a universalidade, mas a coabitação de vozes.

Nas duas trajetórias, o ato de escrever transforma-se em forma de resistência e afirmação. Quando Evaristo (2020) afirma que as escrevivências não se prestam a confortar, mas sim inquietar, sentimos essa afirmação ecoar em nossos relatos. Inquietamos o modelo de ciência que nos foi imposto: uma de nós o tensiona desde dentro da academia sudestina; a outra escreve desde o quilombo, mostrando que acessar e permanecer na universidade é também um gesto de resistência.

Assim, compreendemos que o afeto, o território e a memória são elementos indissociáveis na produção de conhecimento situada. Escrever a partir de nossos corpos amazônidas — brancos ou negros, urbanos ou quilombolas — é desafiar o cânone científico e afirmar que toda escrita é política. Mais do que relatos pessoais, nossas escrevivências são testemunhos de uma epistemologia insurgente que articula feminismo, decolonialidade e ancestralidade, propondo uma ciência capaz de se afetar e, por isso mesmo, de transformar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As trajetórias que aqui narramos revelam que cada obstáculo, longe de ser apenas uma barreira, tornou-se parte do alicerce que sustenta quem somos. A escrevivência, tal como conceituada por Conceição Evaristo, nasce da fusão entre experiência vivida e ato de escrever, transformando memórias, dores e resistências em palavras. Ao escrever desde nossos corpos, histórias e territórios, reconhecemos que não há neutralidade possível. Ao entrelaçar nossas experiências – uma mulher preta, quilombola, e uma mulher branca amazônida – mostramos que as desigualdades de gênero, raça e classe nos atravessam de maneiras distintas, mas que a resistência, em cada contexto, é também um gesto coletivo.

A educação, nesse percurso, deixou de ser um projeto individual e passou a ser compromisso com nossas comunidades, com as mulheres que vieram antes de nós e com aquelas que virão depois. Mais do que títulos ou cargos, buscamos uma produção de conhecimento implicada, capaz de tensionar estruturas racistas, machistas e coloniais que ainda moldam a universidade e o mundo do trabalho.

Como nos lembra Evaristo, nossas escrevivências não se prestam a confortar, mas a inquietar e provocar. Se nossas histórias podem inspirar outras mulheres a persistirem, então este texto cumpre parte de sua função. Mas ele não se encerra aqui: permanece aberto, como convite à construção de uma ciência que não tema o afeto, que reconheça o valor dos saberes situados e que entenda a escrita como lugar de presença e transformação.

REFERÊNCIAS

DANTAS, Amanda Soares. Entre o banho de igarapé e o de chuveiro. In: MALCHER, Monique (Org.). **Trama das águas**. Belém: Monomito Editorial, 2021. p. 61-64.

DINIZ, Deborah. **Carta de uma orientadora**. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). **Escrevivência a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

SANTOS, Antônio Bispo; PEREIRA, Santídio. **A terra dá, a terra quer**. Ubu Editora, 2023.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995. p. 11-41.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Editora Cobogó, 2020.

SOUSA, M. P. S. de. Re-existências malungas: agência sociopolítica de mulheres quilombolas no Marajó. **Revista Terceira Margem Amazônia**, v. 7, n. 18, p. 15-29, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.36882/2525-4812.2022v7i18p15-29>